

Internacional

América do Sul Apesar do tabelamento, inflação no ano chega a quase 10%

Argentina amplia a lista de produtos congelados

Marli Olmos
De Buenos Aires

No dia 6 de janeiro foi lançado na Argentina um programa de controle de preços que prometia servir de ferramenta de combate à inflação. Noventa dias depois, data marcada para revisar o plano, a inflação já acumula quase 10%, segundo dados oficiais. O governo, que calculava uma taxa inflacionária de 10,4% para todo o ano, não apenas declarou o programa como vitorioso como decidiu ampliá-lo.

A proposta do chamado “Precios Cuidados” é fixar limites num grupo de marcas que integram uma cesta de alimentos, produtos de limpeza, remédios e até material de construção. A principal característica desse mecanismo de controle é identificar culpados por abusos, apontá-los para a sociedade e puni-los.

Sob essa ótica governamental, comerciantes, distribuidores e indústria continuam a ser os únicos responsáveis por estar a Argentina hoje entre as nações com os mais elevados índices de inflação do planeta.

Para a segunda etapa do programa, a equipe econômica da presidente Cristina Kirchner ampliou a quantidade de itens, de 194 para 302, e de participantes. Até março, eram dez grandes redes de supermercados. A partir desta semana parte dos produtos com preços controlados estará também nas prateleiras dos pequenos supermercados.

A lista criada pelo governo tem o mérito de servir como referência, segundo disse o secretário de Comércio, Augusto Costa, ao anunciar a entrada dos estabelecimentos menores. Economistas e líderes de organizações de con-

sumidores acreditam até que os índices de inflação seriam maiores não fosse o programa. Mas todos concordam que esse controle está longe de ser a solução para conter a inflação.

“Trata-se de mais um plano fracassado”, diz o economista Sergio Berensztein, da Poliarquia. Para o analista, não se pode usar uma “medida superficial” dessa natureza para tentar dissimular os problemas que um déficit fiscal equivalente a 4% do PIB causam à economia. “Os gastos públicos são financiados pela inflação”, destaca Berensztein. Para ele, o governo toma medidas paliativas com o intuito de “proteger um ajuste mais sério”. “Esse controle é uma tentativa de curar com uma aspirina uma doença grave”, diz Héctor Polino, que dirige a Consumidores Libres, entidade de defesa dos consumidores.

O governo, no entanto, transformou o “Precios Cuidados” numa espécie de bandeira de luta. Além de uma constante campanha publicitária, sempre surge um motivo para que militantes de organizações ligadas ao kirchnerismo se espalhem nas entradas dos principais supermercados para distribuir as listas do programa.

Sem muita fé de que algo de fato vai ajudá-la a enfrentar o aumento do custo de vida, a população em geral desconfia. Uma pesquisa da Managment & Fit divulgada em março indicou que 62,2% dos entrevistados em grandes cidades duvidam que o controle possa evitar aumentos. “Quem define preços é a lei da oferta e procura, ou seja, o próprio consumidor”, destaca Irma Munhoz, de uma entidade que representa donas de casa.

Ir às compras na Argentina é

uma tarefa que requer tempo e muito exercício de comparações. Depois de passar dez minutos diante da gôndola do arroz, Mercedes, uma tradicional cliente do Coto, a maior rede de supermercados de origem argentina, diz que nem sempre o produto da lista do governo é o mais em conta. Para ela, o controle não tem ajudado a conter a alta dos preços.

Na primeira revisão trimestral do programa, os reajustes autorizados para os itens da lista resultaram numa alta média de 3,2%. No mesmo período, a inflação oficial ficou em 10% e o chamado índice Congresso, divulgado por deputados de oposição com base em análises independentes, registrou 13,4%. A organização Consumidores Libres, que também acompanha a evolução dos preços, registrou 11,29% de aumento médio numa cesta de 38 itens.

Mas para alguns produtos o governo autorizou índices acima da inflação. Caso do tomate, que aumentou 15% ou da erva mate, a bebida mais consumida na Argentina, que subiu 11,1% depois de uma polêmica reação da presidente Cristina Kirchner. Diante das primeiras iniciativas dos produtores para elevar os preços, logo após a desvalorização do peso, em janeiro, Cristina questionou irritada, num discurso em cadeia de televisão: “Querem justificar o repasse da desvalorização do câmbio na erva mate como se fosse mercadoria importada. Existe algo mais argentino que o mate?”. Nas reuniões que se seguiram com a equipe da Secretaria de Comércio, os produtores informaram, segundo fontes, a necessidade de reparar custos com mão de obra.

Segundo fontes, existe pressão do governo para que fabricantes e comerciantes participem do

programa. “Ninguém quer ficar mal com o governo”, diz um conselheiro econômico industrial. A Secretaria de Comércio não atendeu a pedidos de entrevista.

Se, de um lado, ter seu produto na lista do programa dá ao produtor a vantagem de não arrumar confusão, por outro ele leva prejuízo. O preço de alguns produtos do programa às vezes equivale a menos da metade das marcas fora do controle. Para driblar as perdas, as empresas colocam apenas uma entre várias versões do mesmo produto na lista, que tem de tudo, de leite e arroz a cerveja e vinho.

Segundo as regras do programa, todo comerciante é obrigado a alertar a Secretaria de Comércio sobre a falta de produtos que integram o programa. Se a análise conclui que a falta é justificada, admite-se a ausência do produto no supermercado participante, mas durante uma semana no máximo. As gôndolas das redes argentinas transformaram-se numa confusão de letreiros. Há avisos para os produtos que constam da lista do “Precios Cuidados” e avisos para os que estão em falta, além dos tradicionais cartazes com promoções.

Para cumprir essa regra, na semana que antecedeu a Páscoa, os supermercados de Buenos Aires informaram que foi por culpa exclusiva dos fabricantes que havia falta de itens como o óleo de girasol Cocinero. “Falta de entrega da Pepsico” dizia também o letreiro exposto na gôndola destinada ao Toddy. A atendente do eficiente serviço de denúncias que o governo colocou à disposição da população por meio de um número de telefone gratuito informou que a Secretaria já estava a par do problema. E que, infelizmente, o consumidor teria que passar a semana sem esses produtos.

A segunda abertura do Japão ao exterior

Artigo

Shinzo Abe
Project Syndicate

O presidente dos EUA, Barack Obama, visita Tóquio amanhã em um momento único na história de meu país, com a economia do Japão avançando por um novo e estável caminho de crescimento que vai aproveitar ao máximo sua posição geográfica. O Japão não se considera mais o “Extremo Oriente”; em vez disso, estamos no próprio centro do Círculo do Pacífico, vizinhos do centro do crescimento do mundo, que se estende do Sudeste Asiático à Índia.

Há pouco a se duvidar de que esse centro de crescimento vai continuar a impulsionar a economia do Japão no futuro previsível. Os investimentos diretos japoneses, por exemplo, expandiram-se no Vietnã e na Índia, o que vai elevar a demanda por máquinas-ferramentas e bens de capital japoneses.

Para maximizar suas oportunidades, porém, o Japão precisa abrir ainda mais sua economia e tornar-se um país que incorpore ativamente capitais, recursos humanos e conhecimento do exterior. O Japão precisa ser um país capaz de crescer canalizando a vitalidade de uma Ásia em expansão.

Para esse fim, aceleramos bastante o ritmo de negociações em “acordos de parceria econômica” (EPAs, na sigla em inglês), com vários parceiros pelo mundo. Neste mês, o primeiro-ministro da Austrália, Tony Abbott, e eu chegamos a um acordo inicial para um EPA entre Japão e Austrália. O próximo na fila é a Parceria Transpacífico (TPP), que vai unir 12 países na maior área de comércio exterior do mundo.

Tanto o Japão quanto os Estados Unidos dão grande importância às regras, apoiam os princípios da liberdade e democracia e possuem as tecnologias e setores empresariais mais avançados. Pretendemos superar nossas diferenças e, juntos, criar, na forma da TPP, uma ordem econômica para a Ásia e o Pacífico no século XXI, que sirva como fundação inabalável para o crescimento.

Meu governo também trabalha duro para concretizar uma EPA com a União Europeia. Tendo em vista que EUA e UE já estão empenhados em negociações comerciais, uma EPA entre Japão e UE, aliada à TPP, permitirá o nascimento de um mercado verdadeiramente imenso — um enorme motor único de crescimento que beneficiará toda a economia global.

Mas as fronteiras econômicas do Japão vão bem além da Ásia e do Pacífico, vão até a América Latina e a África — mais um motivo para abandonarmos nossa antiga visão introvertida. Um grande número de jovens ambiciosos e altamente motivados já veio de todo mundo ao Japão, em especial de países asiáticos vizinhos, para estudar ou trabalhar. O Japão precisa continuar sendo uma esperança para eles. Precisamos não ser desrespeitosos com eles e ficar sempre de braços abertos para eles. O Japão, acredito, é esse tipo de país.

No futuro próximo, vamos designar seis Áreas de Crescimento Econômico Estratégico Nacional — Tóquio, Kansai, Okinawa, Niigata, Yabu e Fukuoka — para que sirvam como modelos para o resto

do país. Estamos identificando políticas e práticas na saúde, educação, agricultura e hábitos trabalhistas que ficaram fora de compasso com as necessidades atuais; e vamos agir com rapidez para reformá-las. As Áreas de Crescimento Econômico Estratégico Nacional vão funcionar como uma sondagem das reformas em nosso sistema regulador, que ficou solidificado como uma rocha.

Outro hábito que os japoneses precisam mudar é nossa difundida mentalidade voltada ao mundo masculino. Já resolvemos assegurar que pelo menos 30% de todo nosso pessoal contratado pelo governo nacional sejam de mulheres. Agora, também venho encorajando as empresas de capital aberto a adicionar pelo menos uma mulher como integrante de seus conselhos de administração. Uma vez que chegemos nesse ponto, em que não é mais novidade ter uma mulher ou alguém que não fale japonês como executivo-chefe de uma empresa, o Japão terá se reinventado e recuperado seu verdadeiro espírito de inovação e de assumir riscos.

A “womenomics” (mistura das palavras “mulheres” e “economia”, em inglês) nos diz que uma sociedade em que as mulheres se empenham com dinamismo também tem um maior índice de natalidade. Meu governo pretende abordar, com urgência, a necessidade de expandir o número de creches e outras instalações de infraestrutura, como fundação para uma sociedade que se beneficie das habilidades e talentos de todos os seus membros.

Somos totalmente capazes de mudar; de fato, vamos apreciar isso, como o mundo vai ver nos próximos meses e anos por vir. Mas há aspectos no Japão que são imutáveis; e alguns nem deveriam mudar mesmo.

Um deles é nosso histórico, que mostra nossa ambição de sermos um “contribuinte proativo da paz”. O Japão fez mais do que sua parte devida em contribuições financeiras à Organização das Nações Unidas (ONU) e suas divisões, tanto no passado como atualmente. E nosso empenho em assumir nossas responsabilidades globais estende-se às Forças de Autodefesa do Japão. Membros das Forças de Autodefesa mostraram uma cooperação exemplar com as Forças Armadas dos EUA e da Austrália após o grande terremoto no leste do Japão, em 2011, e ganharam profundo respeito e apreciação por todos os lugares aos quais foram mobilizados, como Haiti, Indonésia e, mais recentemente, Filipinas.

Fazer uma contribuição proativa à paz significa que o Japão vai arcar com sua própria parte na responsabilidade de garantir uma segurança que permita a prosperidade e estabilidade mundial. Ao trabalhar ao lado de países com os quais compartilhamos valores e interesses, vamos proteger e cultivar bens públicos internacionais, desde o espaço e o ciberespaço aos céus e mares.

Como o mundo vai poder ver durante a visita de Obama, o Japão está de volta e com força total. E essa volta é indispensável para a estabilidade e a prosperidade global.

Shinzo Abe é premiê do Japão.
Copyright: Project Syndicate, 2014.
www.project-syndicate.org

Impasse na Ucrânia



O acordo internacional fechado na semana passada para evitar um agravamento do conflito na Ucrânia caminha para o colapso. As forças separatistas que desejam a anexação de partes do leste do território ucraniano pela Rússia recusaram-se mais uma vez a abandonar os edifícios governamentais que mantêm sob ocupação. Em Moscou, o chanceler Serguei Lavrov sinalizou que a Rússia aproxima-se de uma intervenção militar. “Há mais e mais pedidos à Rússia de um resgate dessa situação sem lei (...) Aqueles que estão deliberadamente tentando deflagrar uma guerra civil, obviamente esperando provocar um grande, sério e sangrento conflito, estão adotando uma política criminosas. E nós vamos não apenas condenar, como impedir isso”, disse. Na foto, pessoas descansam durante um comício pró-Rússia realizado perto da sede regional do Serviço de Segurança do governo ucraniano em Luhansk, que está ocupada por forças favoráveis a Moscou.

Curtas

China X Japão

Um tribunal de Xangai determinou ontem a apreensão de um navio japonês como forma de reparação por danos causados durante a Segunda Guerra Mundial. O Japão disse que todas as questões foram resolvidas por tratados de paz após a guerra e que a ação pode provocar “efeito negativo sobre todas as empresas japonesas que fazem negócios na China”.

Eleições na Síria

O governo sírio anunciou ontem que irá realizar eleições presidenciais em 3 de junho. As regras eleitorais impedem a participação de candidatos que estejam fora do país há mais de dez anos, o que desqualifica os líderes da oposição ao ditador Bashar al-Assad que vivem no exílio. Estima-se que a guerra civil no país, iniciada em março de 2011, já tenha deixado mais de 150 mil mortos.

Economia dos Estados Unidos ganha impulso, aponta Conference Board

Bloomberg

O índice composto de indicadores antecedentes da economia dos EUA registrou em março o maior aumento dos últimos quatro meses, um sinal de que a expansão econômica se fortalecerá após um inverno rigoroso.

O índice do Conference Board, que busca traçar um panorama do desempenho da economia nos próximos três a seis meses, subiu 0,8%, após um ganho de 0,5% em fevereiro, informou ontem o instituto privado de pesquisas econômicas com sede em Nova York. A mediana das previsões de 42 economistas consultados pela Bloomberg apontava um avanço de 0,7%.

Os aumentos continuados no mercado de trabalho, a melhora

do ânimo do consumidor e o fortalecimento da demanda estão impulsionando os gastos das famílias, que passaram os últimos cinco anos colocando suas contas em ordem. Olhando para o futuro, os americanos precisaram de ganhos salariais maiores para prolongar um recente aumento nos gastos, que representam 70% da economia.

“A economia está ganhando impulso após um início lento e um primeiro trimestre muito fraco”, disse Stuart Hoffman, economista-chefe da PNC Financial Services Group Inc., em entrevista antes do relatório. “Definitivamente, há mais indicadores subindo do que caindo.”

Seis dos dez indicadores do índice contribuíram para o au-

mento no mês passado, liderado pela diferença entre taxas de juros de curto e longo prazos, uma queda no desemprego e um incremento na duração da semana de trabalho nas fábricas.

“A economia está se recuperando do clima inclemente em todo o país e o fortalecimento do mercado de trabalho está começando a ter um impacto positivo sobre o crescimento”, disse Ken Goldstein, economista do Conference Board, em um comunicado. “No geral, este é um relatório otimista, mas o foco continuará sendo o de confirmar se a melhora no mercado de trabalho pode ser sustentada, impulsionando um desempenho econômico mais forte ao longo dos próximos meses.”

Agências internacionais

O déficit comercial do Japão subiu quase 70%, para atingir um recorde de 13,75 trilhões de ienes (US\$ 134 bilhões) no último ano fiscal. É o terceiro ano consecutivo de déficit, já que as exportações não estão crescendo em ritmo suficiente para compensar os maiores custos da importação de energia, o que representa uma ameaça aos planos do premiê Shinzo Abe de acabar com a deflação persistente e de reativar a economia japonesa.

O Ministério das Finanças do Japão informou ontem que as exportações no ano fiscal encerrado em 31 de março apresentaram uma al-

ta de 10,8% — na comparação com o período anterior —, atingindo um total de US\$ 690,5 bilhões. Porém, as importações somaram US\$ 825 bilhões (aumento de 17,3%).

Os custos de energia do Japão dispararam desde o tsunami de março de 2011 que provocou o acidente na usina de Fukushima. Em razão do desastre, o país interrompeu o funcionamento de todas suas usinas nucleares e passou a importar mais petróleo e gás.

As exportações por volume tiveram a maior queda desde junho de 2013, sugerindo que a demanda externa pode não oferecer muito apoio para uma economia que deverá se contrair neste trimestre.